

O NEOLIBERALISMO E A ESCOLA PÚBLICA SOB ALGUNS OLHARES
THE NEOLIBERALISM AND PUBLIC SCHOOL UNDER SOME LOOKS

Isabel Terezinha Bragagnolo¹
 Marcos Francisco da Silva²

RESUMO: As políticas neoliberais ditadas pelos organismos internacionais de controle do capital como: FMI, OMC, BIRD, e que tem orientado a política dos governos nacionais nas três últimas décadas, tem sido a responsável por grandes mudanças na escola pública em nível de fomento e nos seus aspectos ideológicos, didáticos de gestão e outros, por essa razão vem sendo objeto de análise crítica por parte da intelectualidade oposicionista de tais políticas. Neste artigo pretendemos fazer um paralelo entre as idéias de três intelectuais sobre esta temática que são: Tomaz Tadeu da SILVA, Gaudêncio FRIGOTTO e Pablo GENTILI a partir de seus artigos.

PALAVRAS-CHAVES: Neoliberalismo; Educação; Qualidade Total; Acumulação Capitalista.

ABSTRACT: Neoliberal politics dictated by international organism of control of capital as FMI, OMC, BIRD, and who have directed the politic of national government on three last decades, have been responsible of grand transformations in public school at level of fomentation and in their ideological aspects, didactic aspects of administration and others, by this reason have been object of critic analysis by part of the intellectuality opposites of there politics, in this article we intend make a parallel between ideas from three intellectuals on this thematic who are: Tomaz Tadeu da SILVA, Gaudêncio FRIGOTTO and Pablo GENTILI beginning from their articles.

KEYWORDS: Neoliberalism; Education; Total Quality; Capitalist Accumulation.

¹ Supervisora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Fpolis; Formada em Pedagogia – Habilitação Supervisão Escolar - UDESC; Especialização em Alfabetização - UDESC; Mestrado em Educação – UFSC. E-mail: isabelmarb@ig.com.br

² Professor da Rede Municipal de Ensino de Fpolis; Formado em História - UDESC e Economia – UFSC; Especialização em História Social – UNIVALI; Mestrando em Educação e Cultura – UDESC.

1 Introdução

Neste artigo procuramos discutir como as políticas neoliberais, de orientação internacional capitalista, via organismos de controle financeiro, vem provocando mudanças no pensar e no fazer da escola pública. Para isso, buscamos compreender as origens históricas da crise de acumulação do capital, que explodiu, principalmente, na década de setenta e suas conseqüências até o momento atual.

As políticas neoliberais surgem como alternativa para recompor as taxas de lucro do capital e todos os segmentos da sociedade devem ser regulados pelo livre mercado. Sob este enfoque a escola pública passa a ser um espaço importante não só para disseminar esta nova ideologia de mercado, mas também sofre as conseqüências econômicas do controle de gastos públicos.

Buscando enriquecer a discussão sobre o neoliberalismo e a escola pública e analisar as atenções dispensadas pelas classes dominantes à educação, realizamos um paralelo dos comentários críticos de SILVA, FRIGOTTO e GENTILI. Estes autores possuem uma produção intelectual, como livros e artigos publicados desde o final da década de oitenta, sendo referências importantes nas reflexões à cerca deste assunto.

Tomaz Tadeu da SILVA, como estudioso das questões curriculares da atualidade, analisa estas mudanças sob a ótica da imposição neoliberal nos currículos escolares, ou seja, como os teóricos neoliberais pensam o material didático e os projetos pedagógicos. Gaudêncio FRIGOTTO, que por sua vez, tem como horizonte a formação de professores, enfoca, primordialmente, as discussões sobre o fim da centralidade do trabalho e as teorias postas socialmente nas últimas décadas, que de uma maneira apologética enaltecem positivamente as mudanças atuais na sociedade, salientando que o capitalismo atingiu uma fase superior onde inexistem contradições. Pablo GENTILI apresenta um enfoque onde prioriza “a adequação do léxico e práticas empresariais ao universo pedagógico” analisa as políticas neoliberais e como a exclusão imposta pelo mercado se impõe a educação das maiorias.

2 As Origens do Neoliberalismo

A década de setenta foi marcada por transformações na sociedade que tiveram influência em escala planetária, movimentos políticos como guerras e manifestações

estudantis agitavam as ruas, tabus morais foram abalados com a introdução da pílula anticoncepcional e o amor livre, a música e o comportamento da juventude fundiram-se numa postura contestatória.

A América Latina estava mapeada de regimes ditatoriais sanguinários apoiados pelo Tio Sam, que internamente, também, não estava muito bem politicamente. No final da década de sessenta as manifestações contra a Guerra do Vietnã aumentavam e o movimento negro abandonava a linha pacifista de Luther King para uma postura mais violenta dos Black Panther, sem contar os escândalos não devidamente digeridos, até hoje, do assassinato do presidente Kennedy em 63 e a renúncia de Nixon em 74.

Esta década de setenta vislumbrou também pela primeira e por duas vezes, nos anos de 73 e 79, a crise do petróleo, ou seja, os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP conscientes do poder que detinham em suas mãos, usaram este poder em benefício próprio, aumentando repentinamente o preço do barril do petróleo, o que fez entrar em cena um componente indispensável, à compreensão de qualquer crise que passou a surgir na sociedade a partir de então³.

Por trás da economia planificada do leste europeu, nesta mesma década, a continuidade da política stalinista também já demonstrava os primeiros sinais de desgaste, por submeter a sociedade soviética a uma longa ditadura e aos desmandos de uma burocracia inoperante que se enriquecia as custas da miséria da população.

Em contra partida, não podemos pontuar unicamente os anos setenta como os gestores de tantas transformações, pois na década anterior, alguns sinais desse conjunto de mudanças já se apresentavam, e os primeiros sintomas de colapso da ordem estabelecida, Pós-Segunda Guerra, já se faziam presentes na esfera produtiva e nas relações econômicas internacionais, fazendo com que a Guerra Fria começasse a ser abalada.

Sob essa mesma perspectiva, a década de oitenta deu continuidade a essas transformações, pois é a partir desse período que o imperialismo americano, via aumento dos juros da dívida externa, suga as reservas econômicas dos países periféricos, para compensar a conta de sua crise interna.

³ O mundo assiste estarecido pela mídia a política dos Estados Unidos da América - EUA de dominadores do mundo, que em nome do combate ao terrorismo, atacaram o Iraque, apesar da opinião contrária da população mundial e da Organização das Nações Unidas - ONU, ameaçando inclusive com tal ofensiva militar abalar a ordem estabelecida Pós-Segunda Guerra Mundial, tudo em nome do petróleo, muito embora isto não seja declarado.

No entanto, é indiscutível a posição central que ocupam os anos setenta como o epicentro de quebra de valores, de contestação de padrões estabelecidos e por outro lado, da gestação de novos padrões que pudessem conduzir a sociedade à normalidade de submissão aos detentores do capital, para que os rumos da acumulação capitalista voltassem a auferir os patamares de lucros desejáveis.

No que se refere, mais especificamente, às questões econômicas, os anos setenta foram, também, o palco da crise de um padrão de acumulação estabelecido desde o início do séc. XX, que foi o paradigma de acumulação Taylorista/Fordista⁴, muito embora, tal forma de organizar a produção e por extensão toda a sociedade, encontrasse obstáculos a sua disseminação social no seu início, em virtude da grande crise do capitalismo com as duas guerras mundiais e a “paz” armada do entre guerras.

A partir dos acordos de Yalta e Postdam que dividiram o mundo em duas esferas de influência: a capitalista controlada pelos EUA e a socialista controlada pela ex - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, o paradigma de acumulação Taylorista/Fordista foi o grande mestre que regeu os acordos da acumulação capitalista até os anos setenta, sem contestação de sua eficiência, bem como, foi o mentor da produção das indústrias por trás da cortina de ferro, ou seja, dos países do leste europeu que estavam sob tutela da ex-URSS numa das maiores fases de crescimento econômico que, alicerçado ao estado intervencionista keynesiano⁵, permitiu aos países imperialistas a configuração do estado de bem-estar social, período que tornou possível um grande número de conquistas de leis que beneficiaram os trabalhadores e proporcionou ao capitalismo praticamente três décadas de crescimento ininterrupto.

Esse sistema começou a ruir na sua infraestrutura, já na década de sessenta, com a paulatina ociosidade da capacidade produtiva das empresas, crises dos Acordos de Bretton-

⁴ Paradigmas sócio-produtivos que nortearam a acumulação capitalista de forma hegemônica durante o séc. XX. As principais características destes modelos são: produção de mercadorias em série, destinada ao consumo de massa, divisão de tarefas a tal ponto que cada trabalhador desenvolvesse uma tarefa específica visando o aumento da produção.

⁵ Keynesianismo é uma das escolas do pensamento econômico contemporâneo da burguesia, tem como mentor o inglês John Maynard Keynes. Esta teoria considera que o mercado é insuficiente para regular sozinho os problemas de emprego, das crises econômicas e do crescimento, necessitando para isso uma forte intervenção estatal.

Woods⁶, limite dos benefícios do estado de bem-estar social, desemprego generalizado, aumento do setor especulativo de capitais em detrimento do produtivo. Porém, é na década de setenta que estas crises atingem um volume tal que extrapolam a esfera do econômico e como já salientamos, explodem em crises por todos os lados, econômico, político, cultural, religioso...

A solução destes problemas veio com uma fórmula que não era nova aos olhos do capitalismo, no caso, uma injeção de mercado na sociedade, tese defendida pelos opositores da New Deal norte americana e do estado de bem-estar social Europeu, que tem como principais mentores: Milton Friedman, Hayek, Karl Popper, Lionel Robbins, Salvador de Madariaga. Estes viam a crise do capitalismo fruto dos excessos do estado intervencionista que desestimulava as ações individuais de competição do mercado e, da força dos sindicatos que pressionavam aumentos de salários, conferindo a estes, valores e benefícios incompatíveis com as reais necessidades de reprodução da mão-de-obra e de reinvestimento dos lucros, por parte dos empresários.

O conjunto das políticas idealizadas pelos defensores da plena sociedade de mercado recebeu o pomposo nome de neoliberalismo, ou seja, uma reedição do liberalismo do séc. XIX, porém, agora, adaptado ao discurso imperialista e não mais a uma oposição à nobreza latifundiária.

O neoliberalismo muito embora já estivesse sendo teorizado como alternativa viável à crise capitalista, desde o final da Segunda Guerra, pelos estudiosos da sociedade de Mont Pèlerin, na Suíça, foi somente no início da década de setenta, fruto de toda esta crise que apontamos, que tais idéias encontraram governos dispostos a aplicá-las. O primeiro foi o governo conservador que se estabeleceu na Inglaterra com Margaret Thatcher, no final da década de setenta, depois Reagan nos EUA, Kohl na Alemanha, Pinochet no Chile e, sucessivamente foi estendendo-se por todos os países do mundo, como uma cartilha a ser seguida por todos, sob as rédeas dos organismos internacionais de controle financeiro do imperialismo como: Fundo Monetário Internacional – FMI e Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD.

⁶ Estes acordos foram um conjunto de regras assinado entre os países imperialistas ao final da Segunda Guerra Mundial que garantiram, principalmente, aos EUA, o controle da economia mundial. As principais bases do acordo foram: instituição do dólar americano como meio de pagamento internacional e criação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A globalização dos mercados, que para alguns estudiosos, poderia ser chamada, adequadamente, de americanização da economia mundial, se apresenta como o braço operacional das políticas neoliberais, pois o grande avanço tecnológico permite a movimentação da informação e do capital especulativo com uma velocidade jamais vista em outros momentos da história da humanidade. Logo, uma teoria que prima pela livre circulação dos grandes capitais é fundamental tornar-se hegemônica em nossa sociedade e para que tal aceitação ocorresse como inevitável e natural, o capital necessitou apoderar-se cada vez mais de todo um conjunto ideológico que o legitime, e nada melhor do que tornar a educação um campo de disseminação da ideologia do livre mercado, ou até mesmo, fazer deste campo um lócus privilegiado de acumulação capitalista.

3 A Educação Vista sob a Ótica do Lucro

Na década de noventa, após a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jonteim na Tailândia, se constatou que mundialmente a educação, principalmente a pública, oferecida pelos países periféricos às camadas populares, estava falida, não somente pelo descaso e sucateamento, mas principalmente porque esta educação não atendia mais as demandas sócio-educacionais exigidas pela nova sociedade globalizante e neoliberal, que os países imperialistas vinham impondo já há duas décadas ao mundo.

A aplicação das políticas neoliberais impôs mudanças e resignificações para a escola pública, que só podem ser compreendidas no contexto da crise do sistema capitalista e da tentativa desse sistema de recompor suas taxas de lucro, ancorados nas políticas de um pseudolivre mercado. Portanto, se todos os setores da sociedade devem se voltar para o mercado, assim a educação também deve seguir a mesma lógica, através de uma ação deliberada.

O estado se afasta da educação e impõe uma redução drástica de recursos: municipaliza as escolas, busca parcerias com o setor privado, dá ênfase nas ideologias de solidariedade e voluntariado como condição de combate à desigualdade, padroniza os trabalhos nas escolas com os mesmos uniformes, horários, formas de trabalho, conteúdos e exames, não tendo espaço para singularidades. Isto significa que, são outras formas de dominação que no contexto neoliberal ganham novas significações.

Além disso, a escola pública torna-se um espaço explícito de irradiação das políticas assistencialistas⁷, pois como instituição mais capilar do estado, o mesmo não gasta construindo toda uma estrutura para esse fim e se atinge uma parcela considerável da população cotidianamente. Neste sentido, os profissionais da educação na lógica neoliberal da polivalência passam a ser capacitados para cumprirem tais tarefas, pois com as novas demandas da reestruturação produtiva a educação deve priorizar a formação de consumidores.

Diante desse conjunto de medidas políticas e econômicas, muitos educadores começaram a refletir a educação sob a ótica do neoliberalismo, assim, com publicações no assunto, Tomaz Tadeu da SILVA, Gaudêncio FRIGOTTO e Pablo GENTILI são estudiosos que refletem criticamente este momento histórico. Neste sentido, selecionamos, artigos que foram publicados, por estes, no livro: *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*⁸, muito embora outras publicações desses autores e de outros que mencionaremos nas referências também sejam utilizadas como forma elucidativa das respectivas idéias.

4 Silva, Frigotto e Gentili: Discutindo Educação e Neoliberalismo

O artigo de Tomaz Tadeu da SILVA intitulado: *A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia*, inicia com uma observação crítica as formas de irradiação da ideologia neoliberal na sociedade a partir do uso de Gibis nas escolas públicas de São Paulo, que foram distribuídos por um instituto liberal. O autor entende que por mais simples e aparentemente ingênuo que este ato possa parecer, é bastante exemplar dos ataques conservadores às instituições públicas, de uma maneira geral, e em particular a educação e a frágil democracia brasileira.

Esta cartilha, segundo este pesquisador, é elucidativa quanto aos preceitos neoliberais, de que o grande mal da sociedade atual é o excesso de presença do estado na economia e como uma entidade carregada de malefícios, é um palco de corrupção e

⁷ Como exemplos: Amigos da Escola, Bolsa Escola, Vale Gás.

⁸ GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu. (orgs); FRIGOTTO, G.; ENGUITA, M. F. APPLE, M. W. *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

inoperância, além de enaltecer a importância da livre iniciativa e do livre mercado como formas de sucesso individual.

SILVA reflete as transformações sociais para além do econômico, acredita que a estratégia neoliberal de se tornar uma ideologia dominante não se pauta somente em mudanças econômicas, mas em todas as esferas da sociedade. Desta forma, a educação ocupa um local de disputa privilegiada, para disseminar a estratégia neoliberal na sociedade, materializando a idéia de que qualquer problema social não é causa do capitalismo, mas ao contrário, os problemas dessa sociedade se dão porque ela ainda não é suficientemente capitalista.

A economia política dos sentimentos é um outro ponto importante que é desenvolvido pelo autor, pois aponta como, no conjunto de estratégias neoliberais, o uso do afeto e do sentimento da população, são manipuláveis. No Brasil o ex-presidente Collor é uma das expressões mais acabadas deste carisma, o que não significa que tal característica foi-se com seu impeachment. Esta estratégia política já vem sendo utilizada em vários países, como nos EUA e na Inglaterra, como condicionante de aplicação do ideário neoliberal.

Outra crítica bastante consistente que este autor faz as políticas neoliberais refere-se ao fato de que elas têm a capacidade de transformar questões de natureza política em questões puramente técnicas, principalmente se estas são problemas relacionados à educação. Dentro dessa perspectiva, temos que o sucateamento histórico da educação, feito por sucessivos governos, reduzindo investimentos na educação e no salário dos professores, falta de materiais pedagógicos para professores e alunos, não são questões políticas de opção por transferência desses gastos para outros setores da economia ou de compromisso dos governos com os serviços das dívidas externas e internas, mas um problema técnico, ou seja, o que existe é um mau gerenciamento desses recursos, o excesso de desperdício e da falta de comprometimento dos professores são os males que se encontram na gênese das questões educacionais.

A solução que decorre do raciocínio anterior é que a educação necessita de uma boa dose de qualidade total, qualidade norteada por experiências que aos olhos dos defensores das políticas neoliberais foram bem sucedidas nos meios empresariais como: terceirização, privatização, enxugamento da máquina administrativa, flexibilização de contratação da

força de trabalho. Assim, problemas políticos são apresentados como técnicos e as respectivas soluções, que também por serem políticas, são apresentadas como técnicas.

Ainda conforme SILVA, o discurso de qualidade total aplicado pela política neoliberal à educação procura soluções técnicas também nos métodos pedagógicos e nos currículos que consideram anacrônicos, portanto, a educação deveria pautar-se mais pela independência e autonomia do aluno, estimulando-o a buscar o conhecimento, preparando-o para ser um cidadão competitivo e capaz de pensar alternativas diante de uma sociedade em que o desemprego é cada vez mais evidente.

Sob esta análise, ainda que de uma maneira não intencional, o ideário do pensamento pedagógico neoliberal encontra guarida no pensar pedagógico construtivista, muito embora sejam propostas defendidas por pensadores com posturas muitas vezes ditas críticas, levantando com estas idéias um conjunto de propostas que alimentam o discurso hegemônico do capital como, por exemplo, as idéias subjacentes ao pensar construtivista são o de um estudante autônomo, participativo, responsável e racional, idéias estas que o pensar neoliberal também defende.

Ao finalizar seu ensaio, SILVA deixa claro que a escola é um espaço social privilegiado de disputa hegemônica e, portanto, um local onde os educadores exercem uma tarefa social de grande importância e devem no campo das idéias disputar este espaço contra as propostas do léxico neoliberal que à sociedade só tem legado exclusão social.

Gaudêncio FRIGOTTO no artigo: *Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática*, sintetiza idéias que foram apresentadas, com mais consistência, em seu trabalho para o concurso de professor titular da disciplina Economia Política da Educação na Universidade Federal Fluminense - UFF.

Neste artigo, o autor desenvolve análises a partir da crise de acumulação capitalista que se inicia nos anos 70, e que tal crise, teria gerado muitas reflexões sobre a sociedade. Duas lhe chamam mais atenção: a primeira, no qual analisa mais profundamente, diz respeito ao fato de que os controladores do capital global chamados por ele de “homens de negócio” passaram a debruçar-se mais sobre a educação e a formação humana, e a segunda trata-se da disseminação pelo mundo de teorias, defendidas até mesmo por estudiosos de expressão, que sustentam o fim da sociedade do trabalho, pelo fato de que a tecnologia,

hoje, seria a grande geradora de valor, portanto, o trabalho humano teria perdido sua centralidade como fonte singular de valor e de apreensão da realidade social.

Teorias como as de Fukuyama sobre o fim da história, Toffler sobre a sociedade do conhecimento e de Offe e Schaff⁹ sobre o fim da sociedade do trabalho, são teorias, segundo FRIGOTTO, exemplificadoras das características das teses conservadoras propostas pelos que controlam o capital e precisam ocultar as contradições e mazelas sociais que em tempos de neoliberalismo, só fazem se avultar.

Não se trata, como menciona FRIGOTTO, de negar que o capitalismo passa por mudanças realmente estruturais e que estas impõem profundas reflexões, nem tão pouco acreditar que os homens de negócio pensam maquiavelicamente ou são essencialmente humanitários, mas de entender que estas mudanças sociais e as idéias decorrentes delas devem ser disputadas socialmente (semelhante às propostas defendidas por SILVA), para que não estejam a serviço da iniciativa privada e da exclusão social, mas sob o controle da sociedade para potencializar a satisfação das necessidades humanas.

Como educador e com atenções voltadas em suas pesquisas para formação de professores, FRIGOTTO analisa profundamente a guinada que nos últimos anos deram esses homens de negócio no que tange a educação de massa. Cita uma frase de efeito do empresário Antônio Ermírio de Moraes que clama em 93 em entrevista a Folha de São Paulo: “*Educação pelo amor de Deus*”. Tais preocupações se levamos em consideração que possuem sintonia com os organismos de classe empresariais como: Confederação Nacional da Indústria - CNI, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP, e é articulada com organismos internacionais como: FMI, Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, BIRD e Organização Internacional do Trabalho - OIT temos que, o que realmente interessa aos detentores do capital é uma mudança nas características da educação pública para melhor adequá-la aos desejos das metamorfoses, pelas quais passa o capital, pós-década de 70.

O avanço tecnológico característico desse período impôs a necessidade de se repensar a mão-de-obra preparada pela escola pública, não no sentido de ter um aluno mais

⁹ Ver mais sobre as críticas dessas teorias em: FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

crítico, muito embora seja este o discurso, mas um aluno mais capacitado diante dos desafios dessa sociedade, para que melhor possa ser explorado pelo capital, necessidade que a escola, nos moldes em que se apresentava, não atendia.

Estas mudanças, segundo o autor, não são homogêneas, mesmo que afirme que tal situação imposta à educação, que aponta para enxugamento da máquina, terceirização e privatização, sejam condições dos organismos internacionais. FRIGOTTO afirma que as contradições internas de cada país em face da forma que a crise capitalista se apresenta, levam a acelerar tais medidas ou não, pois o modelo de acumulação fordista e o correspondente estado de bem-estar social atingiram maior plenitude nos países centrais, em contrapartida, nos países periféricos do capitalismo, houve muito mais um estado populista e oligárquico com longas ditaduras militares, o que vem implicando em mudanças e contradições na aplicação das políticas neoliberais na educação e no conjunto da sociedade dos diversos países que adotam tais políticas.

FRIGOTTO salienta que diferentemente dos países centrais, os países da periferia do capitalismo, têm como grande empecilho, ao desenvolvimento do receituário neoliberal na educação, o fardo do baixo nível de escolaridade. O Brasil em dados recentes é colocado como um dos mais baixos da América Latina, com uma média de 3,4 anos de tempo de escola¹⁰ por aluno, e as novas estratégias empresariais de acumulação flexível precisam não só reorientar a condução da educação pública, mas também, necessitam que a permanência do aluno nesta instituição seja maior, com um aproveitamento “eficiente” e que desenvolva capacidades de abstração e de trabalho em equipe.

O trabalhador, gestado por essas mudanças na educação, deve ser capaz de identificar e resolver os imprevistos em equipes dentro da empresa nos chamados CCQ¹¹. No campo dos conteúdos, para responder essa nova demanda, se privilegiam os conhecimentos e técnicas que estimulam a polivalência, portanto, segundo FRIGOTTO, o neoliberalismo demanda trabalhadores com um nível de capacitação teórica mais elevado,

¹⁰ Este é um dado de 2002, fruto do censo de 2001, portanto, oito anos distante de quando foi escrito o artigo, no entanto, são dados que expressam tendências históricas e são passíveis de serem analisados sem prejuízos na reflexão.

¹¹ CCQ – Células de controle de qualidade, onde os trabalhadores reunidos resolvem eles mesmos os problemas que se apresentam no decorrer do processo produtivo, para saber mais ver ANTUNES (1999, 2000), SIZE (1997), TEIXEIRA et al... (1998).

o que implica mais tempo de escolaridade e de melhor “qualidade”, segundo padrões da lógica do mercado.

Nesse contexto de análise das políticas neoliberais na educação e como educador engajado, FRIGOTTO, também, acompanhou minuciosamente o desenrolar dos mais de cinco anos de tramitação da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional - LDB no Congresso Nacional e participou da disputa entre as chamadas forças progressistas da sociedade e os setores mais conservadores sobre o que deveria ser aprovado como orientação para a educação nacional. O exemplo mais claro deste embate foi a demora da promulgação desta importante lei, bem como, a profunda diferença entre o que foi promulgado em 1996 em relação ao texto original apresentado em 1989 pelo grupo de trabalho coordenado pelo professor Florestan Fernandes.

Portanto, apesar da nova orientação imposta pela acumulação flexível de mudanças na educação em países como o Brasil, estas devem ser pensadas à luz da herança oligárquica ainda presente nos setores mais conservadores do estado. Além disso, o autor apresenta como uma de suas principais conclusões que a educação e o conhecimento devem ser alvos constantes de disputa por aqueles que almejam uma sociedade socialista.

O pesquisador Pablo GENTILI no seu artigo intitulado: *O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora no campo educacional*, sustenta que o projeto neoliberal pioneiramente antes de iniciar seu principal intento de privatizar o máximo possível todos os setores da sociedade, teve de privatizar as mentes, ou seja, criar o consenso social de que somente o afastamento do estado e o pleno controle de instituições privadas do conjunto da sociedade se poderia pensar em solucionar os problemas sociais que afligem a sociedade brasileira.

Conforme salienta GENTILI, no contexto de aplicação das políticas neoliberais ou precedendo-as, houve um arcabouço teórico de justificativas que se fez presente com ênfase nos meios de comunicação de massa e nos organismos de formação da opinião pública. Na educação tal preparação ideológica deu-se em fins da década de oitenta e início dos anos noventa, mediante a mudança da luta política por democracia, para o discurso da qualidade. Essa passagem, segundo este autor, foi delicada, pois neste período o Brasil estava em plena abertura democrática e de reorganização das instituições sindicais, sociais e democráticas, o que impulsionou o discurso e o desejo democratizante.

Entretanto, o saldo das ditaduras no Brasil e no contexto da América Latina foi o de continuação e agravamento de todo um histórico secular de exclusão social e miséria, reforçados pelos regimes ditatoriais, que cirurgicamente solaparam, pelo uso da força, instituições, partidos e um número grande de movimentos sociais que clamavam, na época, por mudanças nas estruturas da sociedade.

Diante desse cenário político de profunda miséria, intencionalmente elaborado e herdado pela sociedade e pelos governos civis que se seguiram, foi possível, via controle da mídia pelos setores conservadores, a imposição do discurso da qualidade como condição de melhoria dos problemas da população, sendo que, a educação foi um dos setores sociais mais bombardeados com este discurso.

Entre os saldos negativos para a sociedade em geral e a educação em particular, está a adoção do discurso da qualidade. GENTILI aponta como a mudança de reflexão e prática de intelectuais de esquerda a cerca da educação, em outras palavras, a adoção de idéias e propostas dos organismos do capital internacional e de setores conservadores da sociedade, por parte de estudiosos críticos da educação, que em passado recente foram fiéis defensores da democratização da educação pública, e que passaram a defender a qualidade como condição de melhoria da educação pública, qualidade esta passível de ser mensurada por padrões internacionais que se pautam na produtividade.

No Brasil a adequação da educação aos sabores da qualidade total foi ao longo do governo Fernando Henrique Cardoso uma tarefa que coube a Cosete Ramos¹², coordenadora adjunta do Núcleo Central de Qualidade e Produtividade subordinado ao Ministério da Educação e Cultura - MEC, esta autora enfatiza que os problemas da educação brasileira seriam solucionados mediante a adoção de um modelo brasileiro de Escola de Qualidade Total, pois segundo ela os métodos de qualidade usados por empresas podem ser extrapolados para todos os setores da sociedade inclusive a educação.

Segundo GENTILI, a idéia de escola pensada no MEC sob a orientação de Cosete Ramos é baseada em uma idéia micro-institucional, onde se formariam comitês de qualidades nas escolas com seus atores (professores, alunos e direção) que buscariam nos

¹² Cosete Ramos foi nos últimos anos uma das principais mentoras de aplicação das políticas de qualidade total na educação no Brasil e que no início do governo Lula só saiu do MEC por pressão dos "Radicais", sobre as idéias dessa autora ler mais - RAMOS, Cosete. Excelência na Educação. A Escola de Qualidade Total. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1992.

moldes dos CCQ das empresas, discutir e solucionar os problemas, pois estes na concepção oficial são problemas técnicos e burocráticos nunca políticos.

Pensar a solução dos problemas escolares sob este prisma é pensar a privatização da escola, pois os atores educacionais nos seus locais de trabalho buscariam isoladamente a solução para seus problemas, onde parcerias com a iniciativa privada e outros setores da comunidade seriam um imperativo em face das necessidades cotidianas de uma escola, e segundo esta idéia pensada na lógica do mercado para a educação, todos individualmente buscando aprimorar-se ao máximo em suas ações e superando as dificuldades a educação se vitalizaria e atingiria a qualidade total.

Uma vez estabelecida e aceita esta concepção de qualidade como solução pedagógica o passo seguinte que deveria na seqüência ser dado é a avaliação dessa qualidade. Segundo GENTILI, a Argentina e o Chile, pioneiramente na América Latina, foram os países que abriram caminho para o que hoje é seguido em vários países inclusive, no Brasil, com o nome de “PROVÃO”, avaliações de abrangência nacional que, em última instância, estabelecem um ranking segundo padrões de qualidade.

GENTILI conclui seu artigo salientando que nos meios empresariais os discursos de qualidade, CCQ, avaliação, servem em última instância para aumentar o lucro, portanto, a exploração do trabalhador. Sendo assim, a retórica de qualidade nada mais é, do que uma face deplorável da barbárie capitalista que nos é apresentada pelo neoliberalismo. Além disso, o autor explicita que o educador comprometido com a face democrática da educação deve contribuir para a construção de uma sociedade onde os trabalhadores tenham espaço e se façam ouvir em todas as suas demandas sociais como lazer, educação, saúde, ou seja, a construção de uma sociedade onde a vida seja cheia de sentido dentro e fora do trabalho.

SILVA, FRIGOTTO e GENTILI possuem uma abordagem bastante crítica em relação às mudanças operadas na sociedade nos últimos anos e nas suas conseqüências para a educação. São intelectuais cujas produções estão em sintonia não só no fundamento, como também em seus respectivos objetos de estudo, no entanto, refletem estas mudanças operadas na sociedade nas últimas décadas a partir de ângulos distintos.

5 Considerações Finais

Os diferentes enfoques dados por esses autores contribuem no sentido de trazer elementos para que possamos compreender as diversas nuances do capitalismo belicista, financeiro e predatório em que vivemos, bem como, o avanço que se opera por sobre a educação em uma dinâmica jamais vista em outros momentos históricos, no entanto, este é um processo de profunda dinâmica e se levarmos em consideração que os artigos aqui selecionados para análise foram escritos no início da década de noventa, podemos constatar empiricamente, que muitas das análises que aqui foram feitas, de uma maneira teórica e muitas vezes especulativa, se tornaram evidentes em uma década de aplicação desta cartilha neoliberal.

A seleção desses artigos e não de materiais mais recente, uma vez que esses autores e outros que produzem um vasto e importante material sobre este mesmo tema, foi intencional, justamente, para podermos fazer a comparação e constatação do que representa o projeto da acumulação flexível para a educação pública. Hoje temos a constatação empírica que nos comprovam a quem serve este projeto, que nasceu por imposição dos organismos internacionais do capitalismo como: FMI e BIRD, encontrando guarida intelectual e operacional no MEC, e já é uma cartilha fielmente aplicada até mesmo nas redes municipais de educação de todo o país.

Os governos estaduais e a grande maioria dos governos municipais, já impuseram aos trabalhadores de suas respectivas redes: planos de cargos e salários, estatutos do magistério, planos de privatização, terceirização e adoção de planos privados de previdência, que em sintonia com o que está expresso na análise destes artigos remontam a situações de perdas para o conjunto da sociedade sem paralelos históricos.

Além das idéias apresentadas nos artigos aqui analisados, e em todo o conjunto da obra desses autores, permeada por seus pressupostos teóricos calcados na crítica ao projeto neoliberal para a educação, eles apontam para a solução dessa situação na organização dos trabalhadores, com um programa que rompa com a atual estrutura dessa sociedade e construa uma outra, onde a exploração do homem pelo homem não seja mais do que uma lembrança triste do passado.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

PerCursos	Florianópolis	V. 4	Nº. 1	Julho 2003
-----------	---------------	------	-------	------------

_____. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3. ed, São Paulo: Boitempo, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso:** simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. (org.); FRIGOTTO, G... et al. **Pedagogia da exclusão:** crítica ao neoliberalismo em educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, , 2001.

GENTILI, Pablo; SADER, Emir. (orgs). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu. (orgs); FRIGOTTO, G.; ENGUITA, M. F. APPLE, M. W. **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MARX, K. **Manuscritos filosóficos e econômicos.** Apêndice in: FROMM, E. *Conceito marxista de homem.* Trad. de Octávio Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, Tomaz Tadeu; GENTILI, Pablo. (orgs). **Escola S. A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.

SIZE, Pierre. **Dicionário da globalização:** a economia de “A” a “Z”. Florianópolis: Obra Jurídica Ltda., 1997.

TEIXEIRA, F. J. S.; OLIVEIRA, M. A. de. (orgs). NETO, J. M.; ALVES, G. **Neoliberalismo e reestruturação produtiva:** as novas determinações do mundo do trabalho. 2 ed. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1998.

Artigo recebido em: 06/2003

Data de Aprovação: 09/2003